

VIRE Teatro

BARBARA HELIODORA

Espetáculos à vista

O Teatro dos Sete deve reaparecer como conjunto dentro de poucos meses. A princípio pensou-se numa apresentação no Teatro Jovem com um programa duplo de peças modernas: *O Amante*, de Harold Pinter, e *Peça*, de Samuel Beckett, duas obras que freqüentemente têm sido levadas juntas. Mas agora há um novo plano que protelaria o reaparecimento dos Sete, que em vez de outubro só seriam vistos juntos em janeiro do próximo ano, mas desta vez com um monumental espetáculo que seria integrado nos festejos do IV Centenário da Cidade: *A Capital Federal*, de Artur Azevedo, com direção e cenários de Gianni Ratto, reuniria um elenco de cerca de cinquenta pessoas, e seria uma contribuição decisiva para que o teatro marcasse sua presença nas comemorações de 65. O assunto está sendo estudado pela Comissão que prepara as comemorações. O Teatro dos Sete apresentará plano detalhado da produção.

Quem vai dirigir *A Quinta Cabeça* é Maurício Sherman. A princípio Milton Moraes havia convidado Flávio Rangel, mas o compromisso deste com Maria Della Costa para fazer *Depois da Queda*, de Arthur Miller (na qual é responsável também pela tradução) fez com que o diretor preferisse São Paulo no momento. A estréia de *A Quinta Cabeça*, que já está

em ensaios, está prevista para o dia 4 de junho no Teatro Rival. É a primeira produção de Chico Anísio, e Osvaldo Waddington é o diretor de produção.

La Crecelle, que está fazendo muito sucesso em Paris, possivelmente será apresentada no Rio no próximo mês, tendo Célia Biar e Italo Rossi em dois de seus três papéis. No sistema da produção independente (que não é de nenhum dos dois intérpretes) e ainda sem confirmação, pois há dúvidas quanto ao diretor.

Amanhã, no Teatro da Maison de France, serão realizadas mais duas das conferências da série *Shakespeare e Sua Época*; desta vez os conferencistas serão F. Fontes de Paula Lima, que falará sobre *O Panorama Teatral*, que trata dos contemporâneos de Shakespeare, e Rubem Rocha Filho, que falará sobre *O Período de Aprendizado*, sendo portanto o primeiro a entrar na obra shakespeariana em si.

Fábio Sabag programa para sua próxima apresentação no Teatro Dulcina, *Amor a Oito Mãos*, peça de quatro personagens de Pedro Bloch. A direção será do próprio Sabag, que no ano passado teve tanto sucesso de bilheteria com sua produção de *Roiêta Paulista*.

Cléber Santos, que está

com o teatro alugado a Antônio de Cabo, resolvem voltar às atividades teatrais em vez de continuar a alugar a sala. Depois de *Antígona*, Antônio de Cabo terá, portanto, de mudar de casa se quiser continuar com sua programação de produções próprias e ele já prevê *Fim de Semana em Cabo Frio*, de Sérgio Viôla e Carlos Lira, e *A Comédia dos Enganos*, de Shakespeare, enquanto que Cléber Santos adiou para o fim do ano a estréia de *Chão dos Penitentes*, de Francisco Pereira da Silva, anunciando para já *Primavera Perdida*, de Vandenberghe. Mas já não será essa a peça montada por Cléber; a que no momento está mais cotada é *A Moratória*, de Jorge Andrade, peça que há 10 anos serviu para lançar Fernanda Montenegro como atriz de primeira linha do teatro brasileiro. Cléber Santos já tem dois nomes em mente para o espetáculo: Paulo Pádua e Vanda Lacerda.

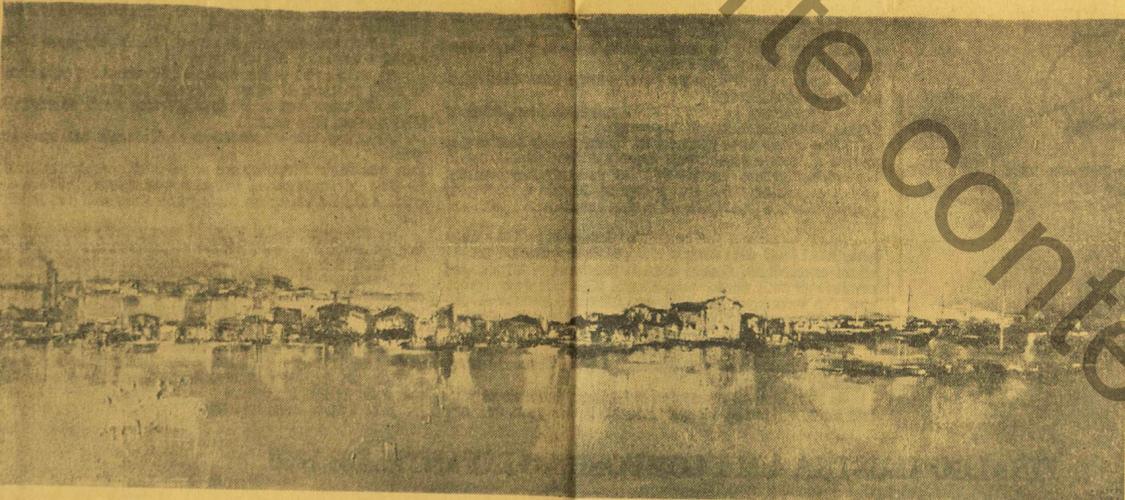
Maria Clara Machado já iniciou os ensaios de *Sonho de uma Noite de Verão*, que será apresentada no Tablado em setembro ou outubro. Jorge Cherques já aceitou o papel de Oberon e Josef Guerrero será Bottom. O elenco está já quase completo e Maria Clara está encantada com a tradução feita para ela por Maria da Saúde Cortesão Mendes, considerando-a excepcional.



Chico Anísio, produtor, conversa com Milton Moraes, Mircia Campos e Sandoval Mota no primeiro ensaio de *A Quinta Cabeça*, de Marcel Aymé

Artes

HARRY LAUS



Cidade em Vermelho, tela de Jener Augusto

Pintura

bem sucedida

As seções corresponde um valor. E acima foram citadas na ordem decrescente de nossa preferência. Com efeito, para quem conhece e respeita e reconhece importância a fase abstrata do artista, é grato verificar, na primeira série ou seção, a paisagem apenas sugerida, dando maior liberdade de interpretação ao espectador; obrigando a uma contemplação mais demorada e atenta; conduzindo a mais íntima participação com o artista em busca de uma afinidade sentimental sempre procurada por quem se acerca de uma obra de arte.

As telas horizontais, distanciadas do abstracionismo por uma paisagem vista ao longe, quase sempre uma simples faixa a separar duas superfícies da mesma cor ou de tonalidades próximas, ainda nos reservam o prazer da visão que não se entrega ao primeiro relance; o sentimento da revelação que esperamos a cada nova cena de um filme, de um romance ou de uma peça de categoria que estamos sempre prontos a rever pelos novos impactos que acordam em nossa reflexão.

Os outros quadros, onde a paisagem é simplesmente paisagem (casas, para sermos mais precisos), nos roubam todos os prazeres enumerados, refletindo o que em literatura corresponde à palavra linear, sem profundidade. Há sempre bom gosto na cor, na composição, mas produzem um impacto meramente visual, direto, sem qualquer repercussão interior ou duração emocional. E isto se consegue até com um bem elaborado cartaz de publicidade (onde esse impacto alia-se à palavra para a obtenção do efeito desejado).

É exatamente este ponto que distancia a nova fase de Jener Augusto da de outro pintor de maior âmbito (no melhor sentido): Ivã Serpa. Em proveito da contemporaneidade artística, Serpa não vacilou em desagradar ao público. Mas conquistou para si um plano mais elevado e universal que o pintor baiano.

Muito bem observa Joaquim Cardoso que a pintura de Jener Augusto é "séria, medida, correta". A essas adjetivos falta, acrescentar, no entanto, alguns substantivos ao comportamento estético do artista. Audácia (um pouco além da cromática), desprezimento, inconformismo etc. Armado com essas e outras qualidades que não lhe será difícil descobrir incorporar, terá sua capacidade de invenção ampliada.

Jener Augusto, que desde 1959 não expõe individualmente no Rio, trouxe da Bahia vinte e cinco blocos para dar ao cartão uma visão atual (e múltipla) de sua pintura. Sem dúvida, uma bela exposição, a cor dando nova vida às paredes da Galeria Bonino, como dará a qualquer salão residencial de bom gosto. Pois é pintura de bom gosto e também boa pintura, sob o ponto-de-vista técnico.

Escreveu o poeta Joaquim Cardoso, na apresentação, que é da correlação entre os quadros de Jener que nasce a verdadeira beleza dos ritmos de sua arte. Ponto-de-vista discutível (como é discutível encontrar semelhança entre este artista e Dufy, segundo quer o poeta), uma vez que essa correlação pode existir entre determinadas telas se rompem quando aproximamos um trabalho horizontal de outro vertical, por exemplo, dado o tratamento muito pouco correto conferido ao tema.

Na verdade, a atual exposição de Jener Augusto pode ser facilmente subdividida em três seções — para não se falar nos seis guiches que completam a mostra; telas de menores dimensões, tendendo para o quadrado; retângulos de longa base horizontal; e retângulos alongados no sentido vertical.

A nosso ver, a cada uma des-

Música

ADHEMAR NÓBREGA

O Itamarati e os músicos

A Divisão de Difusão Cultural do Ministério das Relações Exteriores, que anteriormente concentrava sua atuação no apoio às artes plásticas, têm-se voltado nos últimos anos para a música que, graças a essa orientação, superou a condição de Maria Borralheira das artes do Itamarati. O Conselheiro Dias Costa, espírito sensível à importância da música no panorama cultural de um povo (qualidade que seria de esperar fosse comum mas que na verdade é excepcional nos quadros da alta administração pública brasileira), assessorada pela Sr.ª Maria Enterte, responsável pelo Setor Musical da Divisão, tem prestado o constantemente as iniciativas musicais, através de promoções de largo alcance dentro das limitações do seu orçamento.

Esta orientação já teve como consequência benéficas a realização de excursões de vários artistas e conjuntos brasileiros ao exterior (América Latina, Europa e Estados Unidos), bem como o envio às representações diplomáticas do Brasil de grande número de programas de música brasileira gravados em fitas magnéticas que, lá fora, são transmitidas em horários consagrados ao Brasil. O generoso reflexo dessa atuação se fez sentir, mais recentemente, com a repercussão alcançada pela tournée do Quarteto da Rádio Ministério da Educação que recolheu consagrados testemunhos da crítica dos centros musicais onde se exibiu.

Entretanto, nem só dos

intérpretes tem cuidado a Divisão de Difusão Cultural. Considerando as dificuldades com que luta o compositor para tornar conhecida sua produção (dificuldades que se tornam quase insuperáveis no plano econômico devido ao elevado custo da cópia e reprodução de suas obras), a DDC passou a custear esse trabalho, com o que já se beneficiaram alguns compositores, entre eles Luis Cosme, Edino Krieger, Francisco Mignone, Bruno Kiefer, Armando Albuquerque, Rafael Batista, José Vieira Brandão e outros, que tiveram várias obras de sua autoria copiadas e remetidas ao exterior, atendendo a pedidos das representações diplomáticas do Brasil, ou diretamente de intérpretes interessados em conhecê-las.

Muito embora as proporções desse trabalho ainda sejam reduzidas (condicionadas como são às disponibilidades da verba que se destina também a outros setores de proteção às artes e às letras), a maior dificuldade com que se depara a DDC ainda é a falta de boa vontade dos compositores em colaborar num trabalho em seu próprio benefício. Ora manifestam o temor de que alguém se aproprie de suas obras (como se isto não fosse, afinal de contas, um bom sintoma do valor delas); ora acham que não vale a pena insistir, pois pode ser que o compositor, tenha razão; ora se queixam, com flagrante injustiça, de que a Divisão só patrocina a divulgação das obras de determinado

compositor, citando precisamente o nome de quem jamais teve uma obra copiada por iniciativa do Itamarati, mas sim, apenas encaminhada ao exterior para ser executada num concerto com data marcada. Sem dúvida, é uma irmandade caprichosa, essa dos compositores.

Fato mais ilustrativo e recente dessa atitude de não ajudar a ajudá-los é o que diz respeito à publicação do volume 9 da série *Compositores da América*, editada pela Divisão de Música da União Pan-Americana. O maestro Guillermo Espinosa, através da Divisão Cultural e em gestões pessoais, incansavelmente insistiu junto a alguns compositores (entre eles Edino Krieger, Guerra Peixe, Basilio Itiberê e José Vieira Brandão) para que lhe fossem remetidos uma nota biográfica atualizada, catálogo (ídem) e fotografia que seriam publicados no volume 9 da série, difundida por todo o mundo. Tudo inútil. De nada valeram telefonemas e apelos pessoais. E eis que em carta a Edino Krieger, Espinosa declara: "Aproveito a oportunidade para lembrá-lo de que fracassamos por completo na consecução dos catálogos da lista de compositores brasileiros... Por sorte, no volume 9 da série *Compositores da América*, o Brasil estará representado pelo catálogo de Cláudio Santoro".

Depois disto, os compositores não deveriam ter coragem de dizer que ninguém os ajuda.

A Utilidade da Semana

BEM NO CORAÇÃO DA CIDADE

AVENIDA
esq. de Ouvidor

Panela de Pressão "Imam"

Em alumínio extra forte polido. Capacidade para 4 litros. Dotada de grelha para assados. Econômica e eficiente. De bela apresentação.

De 11.500, por 7.950, ou
795, de entrada e 795, mensais